

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NOTÍCIAS DA ACTIVIDADE CULTURAL. III SEMINÁRIO DE ARQUEOLOGIA DO NOROESTE PENINSULAR. FORMAS DE COMUNICAÇÃO NA CULTURA CASTREJA.

ROLÃO, José Manuel Fernandes

Ano: 1985 | Número: 95

Como citar este documento:

ROLÃO, José Manuel Fernandes, Notícias da Actividade Cultural. III Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular. Formas de comunicação na cultura castreja. *Revista de Guimarães*, 95 Jan.-Dez. 1985, p. 198-205.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Formas de Comunicação na Cultura Castreja

Por JOSÉ MANUEL FERNANDES KOLÃO

Nesta comunicação tentarei a partir das fontes clássicas, dos testemunhos arqueológicos e de recentes estudos proto-económicos, analisar o problema das formas de comunicação da cultura castreja do NW. Peninsular.

No campo das fontes literárias clássicas são vários os autores que nos fornecem dados para o estudo deste assunto, os quais depois de uma conveniente análise interpretativa permitem, como veremos, a formulação de diversas hipóteses de trabalho.

Vejamos então a lista de autores clássicos e os pontos que se relacionam com o tema desta comunicação.

Na História de Trogo Pompeo, Justino (1) foca os seguintes pontos:

- 1.º — Grande capacidade de resistência física e mental, das populações da zona noroeste da Península. EX.: «Ces peuples sont fort agiles, et n'ont jamais l'esprit en repos.» p. 569.
- 2.º — Qualidade dos cavalos na zona de Portugal até à Galiza, p. 570.
- 3.º — Abundância de minérios na região a norte do Douro. EX.: «Une région fort abondante, tant en plomb et en airin, qu'en vermillon que les latins appellent inium: ... elle est aussi fort riche en or, ...» p. 571.
- 4.º — A mulher tinha a seu cargo muitas das tarefas de produção económica. EX.: «Les femmes se meslent de l'économie et de l'agriculture: ...» p. 571.

Vejamos em seguida o que nos diz Plínio na sua História Natural (2).

- 1.º — Dimensão e número de habitantes existentes em parte da Península Hispânica, nomeadamente nas regiões que se relacionam directamente com este trabalho.

- 2.º — Descrição geográfica da Península. Sua divisão política, povos ali existentes e suas respectivas fronteiras.

Livro IV, cap. XXXIV e XXXV

- 3.º — Produção de cavalos no NW. Peninsular, referindo as suas características especiais de trotadores.

Livro VIII, cap. LXVII, 1

- 4.º — Exploração mineira de ouro.

Livro XXXIII, cap. XXI, 2 e 3

- 5.º — Exploração mineira de chumbo.

Livro XXXIV, cap. XLVII, 1 e 2

Seguidamente analisemos o que nos diz Diodoro na sua História Universal. (3).

- 1.º — Descrição minuciosa, das riquezas existentes na Península em ouro, prata e cobre. Refere ainda as técnicas usadas para a extracção dos minerais, e o local da Península onde se encontrava mais estanho.

- 2.º — Descrição da vida de Viriato, a partir da qual podemos ver que os habitantes dos castros do Noroeste eram de uma forma geral:

a) Habitantes de montanha e pastores.

b) Possuíam sólida robustez física que lhes advinha em grande parte das condições acima referidas.

Livro XXXII, art. IV, p. 87 e 88

- 3.º — Uso comum do cavalo para deslocações. Extractos da Hist. de Diodoro p. 282.

Por fim vejamos o que nos diz Estrabão na sua Geografia (4).

- 1.º — Abundância de metais como o estanho, a prata e o ouro. A exploração era feita quer por garimpagem, quer por mineração.

Livro III, 2, 9

Livro III, 3, 2

Livro III, 3, 5

2.º — Referências à navegabilidade fluvial, referente a grandes e pequenas embarcações.

Livro III, 3, 1

Livro III, 3, 4

3.º — Nomeia as riquezas, em rebanhos e produtos agrícolas; bem como o número de povos existentes na região de entre Tejo e o extremo norte da Península.

Livro III, 3, 5

4.º — Indicação dos meios de deslocação que usavam: pedestre e equestre.

Livro III, 3, 7

Livro III, 4, 15

Livro III, 4, 18

5.º — Uso de instrumentos sonoros, tais como a flauta e a corneta.

Livro III, 3, 7

6.º — Trocas comerciais entre os vários povos, quer directas (produto por produto), quer utilizando já o metal (pequenas barras).

Livro III, 3, 7

7.º — Usavam barcos de couro, nas suas deslocações fluviais.

Livro III, 3, 7

8.º — Informa-nos o texto que até ao rio Minho, fronteira sul dos Galaicos e Astures, existiam caminhos terrestres e marítimos, ou fluviais. Pese embora o facto de apresentarem muitas dificuldades de progressão.

Livro III, 3, 8

Mas não são apenas os dados fornecidos por estas fontes literárias, que nos permitem a análise deste tema.

A geo-*proto-história*, do NW. Peninsular, permite-nos observar uma forte disseminação demográfica na área, sendo esta afirmação baseada na enorme quantidade de locais habitados nessa época⁽⁵⁾. Sendo que só para a região de Braga (*Bracarum*), existiam cerca de 24 «cidades» com um total de cerca de 175 mil habitantes, número este que englobava os seguintes povos (passo a citar): «*Les Bibales, les Coelérins, les Gallaeques, les Héquaeses, les Limiques, les Querquernes*» (fim de citação). Plínio, *His. Natural*, Livro III, cap. IV.

A este facto outro se encontra ligado; trata-se da homogeneidade material e cultural, existente entre os povos que habitavam a região da cultura castreja. Passarei em seguida a citar alguns exemplos demonstrativos do que atrás foi dito.

Em primeiro lugar, ressaltam as características comuns que encontramos nas formas arquitecturais típicas das zonas habitacionais castrejas (6).

Em segundo lugar, os motivos de decoração dessa arquitectura, dos quais saliento alguns como as chamadas «suásticas», os frisos de «SS», os nós de entrelaços, isto para mencionar apenas alguns dos motivos mais divulgados (7).

Em terceiro lugar, as características da ourivesaria, na qual podemos encontrar peças que se espalharam por todo o NW. Peninsular: os torques e as fíbulas são bons exemplos desta afirmação (8).

Para acabar esta breve exemplificação, é de salientar a cerâmica a qual apresenta, independentemente das suas várias fases de evolução estilística, uma disseminação mais ou menos homogénea por toda a zona norte de Portugal. Desta forma aparece-nos desde a cerâmica do «tipo Penha» à cerâmica de «aba larga», passando ainda por todos os estilos da cerâmica tipicamente castreja, por toda a região acima citada (9).

Vejamos em seguida algumas razões de ordem económica. Já as fontes literárias clássicas, como atrás vimos, falavam-nos dessa actividade, com tendência no entanto para fazer ressaltar o seu fraco nível de desenvolvimento (10). No entanto estudos mais modernos sobre a economia castreja, mostram-nos níveis de desenvolvimento, casos da agricultura e da pesca, bastante diferentes daqueles que eram considerados a partir da análise das obras dos clássicos.

Será também de mencionar neste caso, o desenvolvimento no campo da metalurgia (11). Desde tempos recuados que a extracção de metais era feita nesta zona. Disto e da riqueza mineral destas regiões nos falam vários escritores clássicos. Além de que no plano arqueológico, ficaram provas abundantes da mineração feita nessas épocas.

Para dar uma ideia mais concreta do que atrás referi, e dai apercebermo-nos da real necessidade de um sistema intercomunicativo entre estes povos, passarei a transcrever a seguinte afirmação: «Para estudar o comércio interno do mundo castrejo realizaram-se análises a metais, cerâmicas e artefactos líticos castrejos a fim de determinar a sua composição e posteriormente averiguar a sua procedência, estabelecendo assim as redes de intercâmbio da cultura castreja. A principal conclusão a que chegamos foi a da existência de um intenso comércio interno de metais como cobre, estanho, chumbo, ferro e ouro» (fim de citação). In «La economía castreña al norte del Miño» p. 202 de José Manuel Vázquez Varela.

Pois bem, todo este desenvolvimento que tenho vindo a descrever, teria, para que se pudesse expandir, a necessidade de ligações entre os diversos focos habitacionais e produtivos. Ligações de vários géneros

e para vários fins. São algumas dessas ligações que irei sumariamente referir.

Começando pelo interior dos castros, temos que as ruas se formavam, regra geral, de uma maneira espontânea, seguindo geralmente as linhas de orientação que lhes eram impostas pela construção de novos recintos habitacionais. Casos específicos de castros com ruas pavimentadas são a excepção, e na sua maioria devido a influências da romanização (12). Ainda neste ponto gostaria de salientar a importância que teria, uma análise comparativa dos sistemas de entradas e saídas dos castros, com as formas de comunicação castrejas e o seu conseqüente desenvolvimento económico. Isto porque ela permitiria, juntamente com uma outra do espaço utilizável das ruas do interior dos castros, poderiam trazer mais algumas achegas ao estudo deste tema.

Passando para as ligações entre os castros, deparamo-nos com uma falta quase total de elementos para uma correcta análise do problema.

Tentemos ainda assim, traçar um quadro dos meios de comunicação que seriam usados por esses povos.

Carl Mullenhoff diria, segundo Avieno na sua «Ora Maritima», que a Hispânia teria as suas estradas. Mas que espécie de estradas?

Para os meios de comunicação, que estes povos do NW. Peninsular utilizavam, elas não seriam mais que simples veredas, as quais se adaptavam aos inúmeros acidentes de terreno típicos desta zona da Península (13).

Essas estradas não eram assim mais que simples caminhos de pé posto, os quais serviam perfeitamente à locomoção pedestre e equestre, únicas de que temos conhecimento. Poder-se-á ainda perguntar se estes povos não teriam conhecimento dos carros puxados por animais? É quase certo que quer pelos contactos tidos com povos vindos por via marítima a esta zona da Península, quer por contactos com restos de vagas de povos indo-europeus, os autóctones do NW. Peninsular teriam conhecimento desse meio de transporte. No entanto três razões se levantam, na minha opinião, contra a sua não utilização.

Em primeiro lugar as características acidentadas do terreno.

Em segundo lugar, a falta de animais de carga capazes de suportarem a dureza do terreno, associada ao peso da carga que teriam de deslocar. Não seriam com certeza os ágeis e rápidos cavalos que possuíam, que poderiam executar esse trabalho. Quanto ao gado vacum, não é conhecida a sua existência nesta região na época. Em terceiro lugar a razão talvez mais forte, não foram encontrados até hoje quaisquer vestígios da existência e utilização de carros no NW. Peninsular nessas épocas.

Passemos em seguida à análise das vias de comunicação fluviais.

Esses «caminhos» deveriam ser também muito utilizados, dado que a rede fluvial desta zona da península é bastante extensa, podendo assim servir de modo de ligação entre os diversos aglomerados habitacionais. Este ponto é de certa forma provado por Estrabão, em dois pontos da sua obra, os quais se encontram anotados no quadro a ela referente neste artigo.

Mas outros meios de comunicação eram utilizados. É o caso dos sinais por meio do fogo e do fumo (14). Desta forma aproveitavam os locais mais elevados, onde manteriam um pequeno número de efectivos com o possível intuito de poderem aperceber-se com tempo suficiente de situações de perigo, podendo assim avisar e contactar outros castros ou atalaias que se situassem no seu raio de acção. Este tipo de comunicação teria um código e normas precisas, e seria feito quer por meio do fogo, quer por meio do fumo (15).

A utilização de instrumentos sonoros como meio de comunicação é também possível, já que Estrabão menciona-os, muito embora com outras finalidades, na sua Geografia, (v. quadro inserido no artigo).

Por fim referirei um modo de comunicação directa, que seria de normal utilização; trata-se da língua.

Assim enquanto em quase todo o resto da Península, existem provas numerosas e concretas do florescimento de vários idiomas que conhecemos através de inscrições em pedras, vasos, cerâmica e metais preciosos. No estado actual dos nossos conhecimentos, chega-se à conclusão que sob o aspecto do registo do pensamento, a sociedade castreja não deixou qualquer testemunho escrito (16). Este facto dificulta bastante uma melhor análise e um melhor conhecimento dessa cultura.

Vejamos em seguida mais pormenorizadamente, quais os tipos de transporte utilizados por estes povos nas suas deslocações.

Primeiramente temos os cavalos, sobre os quais se encontram numerosas referências nos autores clássicos (17). Estes eram de grande quantidade e preparados especialmente para terrenos mais acidentados. Assim sendo, este tipo de animal era o meio de transporte ideal para populações que viviam em zonas de terreno muito acidentado.

Mas a sua vida dura de homens de montanha dava-lhes também grande resistência. Assim era normal que fizessem muitas das suas deslocações a pé. Estas encontram-se aliás bem documentadas, nos textos que relatam pormenores da vida de Viriato. Nesses textos menciona-se claramente a dureza e a capacidade de resistência dos habitantes dos castros (18).

Quanto às suas deslocações fluviais, elas seriam feitas nos barcos de couro que Estrabão refere (19).

Será um trabalho interessante e sem dúvida esclarecedor, a relação entre os cursos de água navegáveis e a situação dos castros relativamente a esses rios. Este estudo poderá revelar aspectos bastante interessantes, das relações entre os vários povos castrejos.

Por fim queria ainda fazer uma breve referência aos contactos tidos por via marítima, os quais têm sido intensamente estudados por diversos autores (20). Esses contactos são fruto das riquezas que o NW. Peninsular possuía, o que fazia com que houvesse, muito possivelmente, um tráfego relativamente intenso não só de povos de zonas mais meridionais que procuravam essas riquezas. Mas também dos autóctones, que navegariam

mais para norte com o intuito de promoverem as suas próprias trocas comerciais.

Em conclusão deste meu pequeno esboço, sobre um assunto até agora pouco tratado, creio poder afirmar que a cultura castreja do NW. Peninsular, embora com as suas características tipicamente autónomas, não seria tão fechada sobre si própria, nem tão pobre, como deixam transparecer os textos clássicos e muitos autores modernos.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — JUSTINO — «Histoire Universelle de Trogue Pompée», trad. Collomby, Roven, 1654.
- 2 — PLÍNIO, o Velho, — «Histoire Naturelle», 2.º vol., trad. M. E. Littré, Paris, 1860.
- 3 — DIODORO, Siculo — «Histoire Universelle», trad. L'Abbé Terranson, Paris, 1737.
- 4 — ESTRABÃO — «Géographie», T. II (Livres III et IV), trad. François Lasserre, Paris, 1966.
- 6 — MASLÁ, Ana Romero — «El habitat castreño», Santiago, 1976.
- 7 — CARDOZO, Mário — «Especímenes de suásticas do Museu Arqueológico de «Martins Sarmento», em Guimarães (Portugal)», Guimarães, 1980.
— CARDOSO, Mário — «Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso», Guimarães, 1980, p. 34 e ss.
- 8 — PONTE, Maria de La Salette da — «A génese das fíbulas do Noroeste Peninsular», in Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular, Guimarães, 1980, p. 111-119.
— CUEVILLAS, F. — «Las joyas castreñas», Madrid, 1951.
- 9 — ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de — «Cerâmica Castreja», in «Rev. de Guimarães» Guimarães, vol. LXXXIV, 1974, p. 171-198.
- 10 — GÓMEZ-TABANERA, José M. — «Aspectos de la Cultura Castreña en sus manifestaciones en Asturias y de los modos de produccion en las sociedades proto-historicas del NW. de la Peninsula Ibérica». in Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular, 1980, p. 99-103.
- 11 — RIVERA, F. Guitan e Varela, J. M. V. — «Contribuicion al estudio de la Metalurgia del bronce en la cultura castreña», Rev. Gallaecia, n.º 1.
- 12 — MASLÁ, in op. cit. supra, v. n.º 6.
- 13 — MOURINHO, António Maria — «Os Zoelas, povo proto-histórico celta que habitou entre o Douro e Sabor, convivendo com os Romanos» in Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular, Guimarães, 1980, p. 101.

- 14 — **MOITA**, Irisalva — «Povoados, redutos e santuários castrenses» in II Congresso Nacional de Arqueologia, Coimbra, 1971.
- 15 — **TEIXEIRA**, Carlos — «Subsídios para a Arqueologia Bracaraense», Braga, 1956, p. 9.
- 16 — «Historia de España Antigua» T. I — Protohistoria.
Vários autores, Madrid, 1980.
- 17 — Ver quadros inseridos no artigo, e ainda:
Varrão — «De rerum rusticarum», II, I, 19.
Columela — «De rustica», VI, XXVII.
- 18 — Ver quadros inseridos no artigo.
- 19 — *Idem.*
- 20 — **ROMERO**, Fernando Alonso — «Relaciones atlánticas prehistóricas entre Galicia y las Islas Británicas y medios de navegación», Santiago, 1976.
— **FELGUEIRAS** Octávio Lixa — «A Evidência das Navegações desde o Bronze-necessidade duma cartografia específica», in Actas da Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular, Guimarães, 1910.